



APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

Os Editores

A busca por uma ética universal constitui, hoje, um enorme desafio para os estudiosos desta área do conhecimento e instituições com responsabilidade social como as Igrejas. Na cultura pós-moderna, a afirmação da subjetividade tornou-se a referência central da ética. A subjetivação dos valores éticos gera uma ampla diversidade de concepções sobre padrões de comportamento, referentes a todas as dimensões da vida humana. Por outro lado, em meio à grande diversidade de opiniões e posturas, surgem, também, perspectivas de convergência. Desta maneira, abre-se caminho para uma possível ética universal, que reconhece o lugar do ser humano como sujeito ético em sua individualidade. Nesta mesma esteira, se podem propor valores de caráter universal. A Igreja Católica, por meio de seu magistério, tem procurado responder as questões levantadas por homens e mulheres, não só cristãos e cristãs, e, sim, pela sociedade como um todo.

O dossiê deste fascículo, através de quatro artigos, ocupa-se dessa reflexão. Oferece fundamentos teológicos para uma visão ética que contribua para a reafirmação da dignidade humana e a compreensão do sentido da responsabilidade humana e cristã, no mundo pós-moderno.

Francisco Javier de la Torre, em “Cincuenta años de la *Humanae vitae*: una meditación sobre el silencio y el diálogo de la iglesia con la experiencia humana de la sexualidad”, analisa as distintas posições acerca da moral da família e da sexualidade, ao longo dos cinquenta anos da Encíclica em foco. Além da própria Encíclica, remete-se a outros documentos do Magistério, desde a *Gaudium et spes* à Exortação Apostólica *Amoris laetitia*.

Juan Masiá Clavel, em seu artigo “El reconocimiento de sí mismo en el perdón”, mostra como, ao se pedir perdão e se deixar-se perdoar,

verifica-se um duplo reconhecimento de si próprio. Sua motivação para examinar esses elementos antropológicos envolvidos no pedido de perdão parte da grande dificuldade – cada vez mais atual, especialmente nos espectros político-partidários – de reconhecer o próprio erro e pedir perdão.

Alain Thomasset, com o artigo “La frontière à l’épreuve de l’hospitalité”, aborda o desafio posto pela migração a todos os países, mormente, às nações europeias. Que atitude tomar: abrir ou fechar as fronteiras? A questão é complexa, pois a fronteira não é algo apenas externo e geográfico, antes, diz respeito ao interior do ser humano, englobando o psíquico e o simbólico. Existe uma tensão entre o enraizamento no particular e a abertura ao universal.

Linda Hogan, em “*Dignitatis humanae*, the future of religious freedom and the global common good”, defende que as tradições religiosas têm importante contribuição a dar para a criação de culturas políticas decididas a respeitar e promover a dignidade humana. A Igreja Católica, no documento em questão, apresenta sugestões a serem consideradas pelos sujeitos responsáveis pela definição de linhas éticas globais, compatíveis com os valores verdadeiramente humanos.

Jaldemir Vitória, em “Maria de Nazaré: modelo de discipulado cristão (Lc 1,26-56) – Narração da fé de uma pequenina”, mostra a função narrativa da perícopa. O personagem Maria de Nazaré encarna o que se espera de todo discípulo do Reino. O leitor-ouvinte do evangelho é desafiado a ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática, a exemplo da humilde serva do Senhor.

Cleusa Caldeira em “Da Europa à América Latina: a vulnerabilidade como *locus theologicus*”, aborda a possibilidade do discurso teológico no contexto da pós-modernidade, tendo como lugar teológico a vulnerabilidade do sujeito. Trata-se de duas narrativas como respostas ao vazio deixado pela modernidade. A primeira situa-se no contexto europeu, desenvolvida em solo lusitano, e a segunda, elaborada a partir da experiência latino-americana, dá ouvido ao clamor das vítimas.

No artigo “Francisco e as migrações: um olhar a partir das mensagens para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado”, Wagner Lopes Sanchez verifica como as mensagens que o Papa Francisco tem proferido nessa ocasião – sempre celebrada no terceiro domingo de janeiro – oferecem uma importante chave de leitura para a compreensão do seu pontificado como atualização tanto das práticas de Jesus de Nazaré, quanto das do apóstolo Pedro.

Sidney Moraes Sanches, no artigo “O Evangelho de Marcos como livro de testemunhas: da testemunha ocular para as muitas testemunhas”, propõe

a tese de que a narrativa marcana foi construída em base ao testemunho ocular de Pedro e das tradições da Igreja em Jerusalém, bem como de um sem-número de outras testemunhas, cujas contribuições ainda não tinham sido examinadas.

Os pesquisadores em Teologia Cristã e Ciências da Religião, interessados em aprofundar as investigações sobre os temas tratados nesse número, encontrarão rico material para seus estudos, no sentido de fazer avançar o conhecimento nessas áreas do saber científico.